

Linguagem educacional: títulos de obras de Regis de Morais

Prof. Dr. Gabriel Perissé¹

Resumo: Este artigo aborda alguns títulos de livros do educador Regis de Morais, detectando nas palavras que os compõem, uma forma de manifestação do estilo literário e do pensamento autoral. Busca-se, nessa análise, relacionar linguagem e educação, observando também a opção que Regis de Morais faz, tornando-se, a uma certa altura de sua produção, não mais o professor-pesquisador que escreve, mas um homem de oração que encontra no cristianismo espírita novas saídas para nossos tempos obscuros.

Palavras Chave: Linguagem e educação. Títulos e estilo literário. Regis de Morais.

Abstract: This article discusses some titles of the works of educator Regis de Morais, finding in the words that compose them the thought of author and his writing style. The relationship between language and education is considered. It also examines the choice of author of to be not the teacher-researcher who writes, but a man of prayer who found solutions in the spiritualist Christianity for our obscure times.

Keywords: Language and education. Titles and writing style. Regis de Morais.

O que o título intitula

Os títulos dos livros são ingredientes importantes na definição de um estilo. Manifestam o conteúdo de um trabalho, mas não só isso. Podem antecipar a intenção fundamental daquela obra. Podem manifestar um estado de espírito do autor. Podem explicitar o que há de essencial no pensamento de quem escreveu.

Sabemos que há, com frequência, intervenção do editor e de seus colaboradores na escolha dos títulos. Um caso conhecido na vida editorial brasileira mostra que assim é, e diria que assim convém ser, pensando na dimensão comercial da arte de escrever, nem sempre devidamente valorizada na alma do escritor.

Conta-se nos meios editoriais cariocas que José Olympio recebeu os originais do grande líder católico Alceu Amoroso Lima sobre temas transcendentais, humanísticos, abordados com séria e profunda argumentação que poucos leitores acompanhariam. Não havia, à primeira vista, nada de muito sedutor no livro... O problema, aos olhos do editor, era mais comercial do que filosófico ou religioso. E José Olympio não perdeu tempo nem dinheiro, e sugeriu um título certo — *Idade, sexo e tempo*. Naquele ano de 1938, a palavra “sexo” era excitante, e o livro tornou-se sucesso de vendas, com mais metafísica nas suas páginas do que os leitores esperavam encontrar.

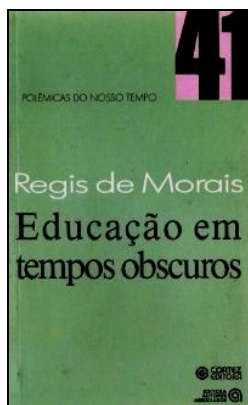
Seja como for, acreditando na sensibilidade dos editores, e reconhecendo que publicar um livro é empreendimento coletivo, podemos admitir que os títulos refletem o ser e o pensar dos autores. Refletem, ou passam a fazer parte da personalidade autoral.

¹. Pesquisador do CEMOrOc – Centro de Estudos Medievais – Oriente e Ocidente, do EDF-FEUSP, e do Núcleo Pensamento e Criatividade. <http://www.perisse.com.br>

O educador e escritor Regis de Moraes (RM) constrói um discurso pedagógico que se alimenta da filosofia, da literatura, da etimologia, do amor à linguagem, e de uma visão de mundo religiosa, visão que se concretiza em adesão religiosa mesmo.

Títulos para iluminar

RM é um pessimista otimista. Este título, de um livro publicado em 1991, pode nos ajudar a pensar o paradoxo:



Alusão ao *Men in dark times*, de Hannah Arendt, o que é uma pista para entender o objetivo do livro. Não alimentemos ilusões. No primeiro parágrafo da Apresentação deste *Educação em tempos obscuros*, RM faz um diagnóstico rápido, mas abrangente e certo:

Se no passado as coisas quase sempre estiveram nebulosas quanto ao futuro da educação brasileira, parece que agora apresentam-se ainda menos claras. A área governamental lida com a educação como se esta fosse tão só problema de policiamento e de dinheiro. Os chamados grandes teóricos vão-se sentindo pequenos ante a enormidade do que está aí para ser reconstruído ou inovado. Este é um tempo de sequestros, de envolvimento de autoridades em crimes, de escândalos financeiros e muito desnorreamento nas relações intersubjetivas. As coisas andam obscuras em todos os domínios e, por extensão, também no educacional. (MORAIS, 1991, pág. 7)

O título corresponde ao tom apocalíptico. E não queiramos diluir o tom, a constatação do inquietante, não queiramos tirar a importância da obscuridade. RM apresenta a escuridão com tons fortes para provocar o contraste. A palavra “educação” vem antes dos “tempos obscuros” e, mais ainda, está *dentro* desse tempo de poucas esperanças. A singela preposição “em” opera essa presença. Essa intervenção.

RM se apresenta como um educador clássico, de gostos simples, de objetivos claros. Os tempos obscuros podem ser transformados. Sim, com a ação didática, com a arte de ensinar. Neste *Educação em tempos obscuros*, o autor faz uma apologia do quadro-negro. Indo na contramão de algumas tendências “vanguardistas”, sugere que não há nada melhor do que um quadro-negro (escuro, obscuro) que possa ser iluminado pela ação de um professor lúcido. O título do ensaio em que faz essa apologia é justamente *Luzes no quadro escuro*.

Ensinar é um trabalho árduo, mas fascinante. RM recorre à experiência pessoal de professor, e não receia recordar-nos que ensinar é também trabalho braçal, em que a resistência física é tão importante quanto a resistência intelectual e moral. Isto o protege da fascinação que podem exercer as promessas sedutoras de uma tecnologia do presente e do futuro. RM não se opõe a pensar a tecnologia, não se opõe à tecnologia, nem merece ser tachado de preconceituoso e retrógrado, mas continua confiando nos recursos fundamentais, e esses recursos são o próprio professor, a sua presença, a sua sensibilidade.

Significativo, então, que tenha escrito um livro com o seguinte título:



A palavra “ARTE”, em destaque, em caixa-alta, coroando o título, indica que esta educação do sentimento não é sentimental. Estará presente, de novo, a consciência de que vivemos tempos difíceis, de que os ventos são contrários, de que convivemos com um quadro de patologias e angústias. Insistindo em denunciar aspectos de decadência, RM simultaneamente — influenciado por um de seus autores preferidos, Santo Agostinho, que viveu obscuridades de um outro tempo — estabelece o contraste. Afinal, para acompanhar o autor de *Confissões*, o mal é a ausência de bem, o mal é a escuridão que subitamente desaparece quando a luz entra pela janela.

É assim que RM encara o papel da arte, como fonte de luz e lucidez. RM é pessimista, não se deixa iludir com brilhos modésticos, frases de “pensamento positivo”, mas é profundamente otimista. Acredita, porque constata, naquilo que vê, nos problemas que se multiplicam, na desorientação evidenciada, formas de resistência e sobrevivência da inteligência e do espírito. Não acredita nas profecias de uma irreversível decadência civilizacional. RM vê no mistério da criação artística chances reais de reeducar-nos.

Os tempos são obscuros, conturbados. A educação e a arte são caminhos iluminados. Mais recentemente, o pensador, o sociólogo e educador RM se tornou um educador mais explicitamente religioso, com uma opção espiritual que se soma à sua experiência didática e filosófica.

Tal opção se traduz igualmente no texto, e nos títulos de suas obras mais recentes. São livros já de caráter abertamente espiritualista, mas preservados (pelo menos é o que o autor nos garante) do sectarismo e do proselitismo, que não condizem, enfim, com seu temperamento e sua trajetória.

Educação e espírito

Um desses títulos, publicado em 2009:



Novamente um título que tende ao apocalíptico: *Palavras despedaçadas por um mundo insano*. A insanidade está no mundo, invade nossa linguagem. A proposta do livro é “redonda”. Ir em busca de palavras maltratadas pela loucura e pela perversidade que nos rondam. Os capítulos são intitulados com essas palavras agredidas ou abandonadas: “caridade”, “escutar”, “utopia”, “espiritualidade”, “temperança”, “liberdade”, “política”, “solidariedade”, “nobreza”, “Deus”, “eternidade”, “pessoa”, “humanidade”...

O homem de palavras quer ser também um homem da Palavra. Com uma intenção de resgate que inclui e engloba os esforços da educação. RM assume agora uma postura e um discurso, não só de professor, ou de pensador da educação, mas a de um mestre:

[...] chegou o momento de despertarmos, homens e mulheres conscientes e de boa vontade, para a necessidade de que pensemos, falemos, escrevamos e exemplifiquemos por ações, que somos humanidade em toda a extensão de suas interdependências e comunhões. Que façamos isto enquanto é tempo e estamos na jornada, porque se nada de objetivo conseguirmos em benefício do mundo, teremos ao menos conseguido ter sido dignamente humanos, cuja animalidade foi importante meio para fins maiores do espírito. Já se disse, em meio espiritualista, que, nas aduanas da morte ficarão bens, titulações e importâncias superficiais, e só levaremos conosco o que de melhor tivermos feito à nossa humanidade. (MORAIS, 2009, pp. 115-6)



O pensador da educação, que em outras obras escolhera títulos “isentos” como *Ciência e tecnologia* (1976), *O que é ensinar* (1986) ou *Cultura brasileira e educação* (1989), perde o pudor, por assim dizer, ou, convertido, revela-se um autor com assumida preocupação evangélica, de corte espírita. Este livro de 2010 intitula-se *Ante tua face: para o Evangelho do lar*.

Em que medida o educador RM se perde e passa a ocupar seu lugar o pregador religioso, leitor atento de Allan Kardec e admirador de Chico Xavier? Parece que o professor, receando ser professoral, abandonou seu posto, deixando espaço para o homem de oração, cuja profissão agora é de fé; homem de oração, sem alunos e sem discípulos, pois agora é irmão de todos, seguidor de um mestre maior, o Divino Mestre, e que acredita na educação (espiritualizada, ou seja, mais profunda e eficaz, em sua visão) como estímulo para o aperfeiçoamento individual. A propósito, educação autêntica seria a educação espiritualizada. Nesta sua nova fase, continua porém, como no seu tempo de professor, a detectar no mundo sinais de decadência:

Não escrevi essas meditações em tom professoral, pois em nenhum momento vi-me na condição de ensinar. Elas são uma partilha, uma comunhão de humanidade: uma humanidade de olhos postos em Deus. Escrevi os temas deste livro primeiramente para mim mesmo, em minhas tantas necessidades; ao mesmo tempo desejei partilhar essas tantas intuições espirituais com todos os irmãos que tivessem a amabilidade de lê-las. Vivemos um tempo duro, de dificuldades mundiais, de tal modo que toda e qualquer sensibilização humana — de coração para coração — se faz necessária. (MORAIS, 2010, pág. 5)

Dentro do mundo em decadência, a educação (aqui, enfatiza-se a educação familiar) é reflexo desta situação:

O atual momento histórico se tem mostrado tragicamente problemático; sobretudo os adultos estão em débito para com o mundo em sérias negligências quanto à educação de seus filhos. Vivemos uma época na qual largamente se tem confundido adolescência e juventude com banditismo de triste agressividade. (MORAIS, 2010, pág. 38)

Ou talvez devemos encarar essa mutação como algo natural. RM teria evoluído em sua trajetória. Assumir-se como autor de inspiração cristã e espírita, conjugando os ensinamentos de Chico Xavier (e o mentor Emmanuel) e Kardec, por um lado, com o pensamento de Kierkegaard, Santo Agostinho e Alceu Amoroso Lima por outro, seria consequência de suas opções de leitura e reflexão. Diante de um mundo que resiste aos esforços humanos da educação, terá chegado a hora de recorrer à espiritualidade, cuja força educadora vem do Alto e do Profundo.

Referências

MORAIS, Regis. *Ante tua face: para o Evangelho do lar*. Campinas (SP): Editora Allan Kardec, 2010.

MORAIS, Regis. *Arte: a educação do sentimento*. São Paulo: Editora Letras & Letras, 2001.

MORAIS, Regis. *Educação em tempos obscuros*. São Paulo: Autores Associados e Cortez Editores, 1991.

MORAIS, Regis. *Palavras despedaçadas por um mundo insano*. Campinas (SP): Editora Allan Kardec, 2009.

Recebido para publicação em 02-03-11; aceito em 11-05-11